

ESCOLAS DO PORTO E DE MADRID

Organização de António Braz Teixeira, Celeste Natário,
José Carlos Pereira e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: Ortega y Gasset, Leonardo Coimbra e

Garcia Morente

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-5-1

Depósito Legal: 491048/21

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-5-1/esc>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

MARÍA ZAMBRANO REVISITADA: A REFLEXÃO FILOSÓFICA COMO GERMINAÇÃO E PADECIMENTO

Lúisa Borges

(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Uma cultura depende da qualidade dos seus deuses

María Zambrano

As crenças são a própria realidade; as ideias nascem da dúvida

Ortega y Gasset

Afirma, paradoxalmente, interrogando, Maria Zambrano, nas derradeiras páginas de *O Homem e o Divino*, que «O conhecimento é o resultado de um método», porquanto «O saber é algo que nasce de uma paixão», sendo que este nascimento desta «paixão» é «um padecer a verdade da vida antes que ela surja», antes «de a ter concebido como tudo o que se concebe antes de ter nascido».¹

A proposta reflexiva aberta pela obra de Maria Zambrano consiste numa prática filosófica que, apesar de sofrer a influência das vozes de Ortega y Gasset ou Xavier Zubiri, entre outras vozes ibéricas, se configura como uma abordagem original e única, quer na sua forma, quer nos seus temas, aproximável, por exemplo, da de Dalila Pereira da Costa. Com efeito, os temas abordados inscrevem-se numa linha reflexiva que retrogride, descendo e descendo sempre, no tempo e no espaço, em direcção às camadas e aos núcleos míticos e geográficos mais profundos da consciência humana, que em Dalila Pereira da Costa, porventura se encontram – aparentemente – mais circunscritas ao território geográfico e mítico português e em Maria Zambrano abarcam um território espiritual e mítico a que se convencionou chamar Ocidente, ou Filosofia Ocidental, de fundas raízes greco-romanas, num anelo que se cumpriria, mais tarde, no romantismo Alemão e nas filosofias kantiana e hegeliana. Não obstante, os autores referidos e refletidos por Maria Zambrano e os temas míticos e culturais referenciados, tanto por Zambrano como por Dalila Pereira da Costa serem, pelo menos alguns deles, recorrentes em alguma da filosofia europeia, o modo como são abordados,

¹ Maria Zambrano, *O Homem e o Divino*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Relógio D'Água, 1995, p. 300.

refletidos, apresentados, descritos e escritos abrem uma forma original, muito especificamente ibérica e talvez, até, também, mais do que feminina, muito especificamente quietista, mas de um quietismo que reconhece a sua condição de exílio, face à contemporaneidade do mundo e nessa exclusão bebe lucidez, profundidade e condição mesma de possibilidade.

A abordagem reflexiva de Zambrano, a que só por insuficiência ou limitação linguística poderemos apelidar de 'método' retrogressivo, distingue-se de um discurso dito de razão discursiva e, embora aproximando-se de uma razão intuitiva, situa-se num território geralmente proibido ao raciocínio filosófico usual, pois está aquém e para além da dedução ou da indução ou até de um pós-moderno *insight*. Não é por acaso que Zambrano traça as linhas de demarcação que a separam de uma abordagem psicanalítica freudiana, nem será por acaso que se dedica também a refletir acerca da temática do sono e dos sonhos, como, aliás, também o fez Dalila Pereira da Costa, recuperando, assim, ambas uma das mais antigas formas e portas de acesso às raízes, ditas irracionais por alguns, mais profundas da consciência humana. Não se trata aqui de elencar formas de início ou de alvor da consciência humana, mas de ter acesso à origem ou à fonte primeira emanadora, o que faz toda a diferença, pois não estamos aqui num território a que se poderia chamar infância da consciência, numa perspectiva quase marxista, mas no ponto, ou no centro, ou no cerne do que significa a palavra Humanidade.

Falamos, pois, de uma radical imanência ou pertença a um estar, acontecer ou existir terrenos, radicando num espaço e num tempo que só é, se enraizado numa Terra de relação, entendida como espaço e tempo sagrado, isto é, numa imanência humana que só existe enquanto Viagem ou Caminho aquém de si ou para além de si, transcendendo-se, continuamente, nesse trânsito extático. Os pontos nevrálgicos dessa relação com o sagrado serão os espaços e os tempos de desocultação momentânea do «sagrado» ou de teofania, a que corresponderia a palavra «divino», realizados sob a forma de actos de edificação de lugares de culto e pelos rituais de adoração neles ocorridos. Para a filosofia ficaria a liturgia da palavra, enquanto revelação desta tensão entre o «sagrado» oculto e o divino «desoculto», revelação esta, não já da ordem da teofania, mas da epifania. Porquê?, importa perguntar.

Os pontos ou centros nevrálgicos irradiadores desta relação ardente com o «sagrado», os lugares paradoxais de manifestação do aquém e do além do espaço-tempo lineares, são identificados como os santuários de Delphos e Eleusino, na sua dupla dimensão oracular ou profética e mistérica, sacrifi-

ciais e teogónicas, como portas ou aberturas teofânicas que, não obstante, continuariam abertas, como brechas ou feridas ou *abismos hiantes*, à face da Terra, como no início do poema de Parménides, que nem a erosão, o declínio e o fim ritualísticos lograriam encerrar. A sua energia irradiadora continuaria activa nas ruínas cobertas pela vegetação, dela tirando, até, parte do seu continuado fascínio e poder, estando, por essa razão, disponíveis para a epifania dos visitantes, mesmo os mais desavisados.

«Razão ardente», «razão poética» ou outras similares têm sido expressões usadas, mormente, a propósito da atitude reflexiva de Maria Zambrano, mas será que estas traduzem realmente aquilo de que se trata quando se pretende, precisamente, traduzir a tensão entre *profundidade* e *superfície* que Zambrano identificou como sendo o conflito, não só entre o «sagrado» e os seus cultos prefigurados pelo «divino», como a tensão entre o homem romântico e o homem pré-romântico; ou mesmo a tensão entre «conhecimento» e a «sabedoria», porventura a tensão entre filosofia e poesia?² Não estamos aqui na presença de uma Razão maiusculizada, mas perante uma pluralidade de razões que dão todas pelo nome de Vida, confluindo em duas torrentes subterrâneas, numa «perigosa e encantadora confluência» nas palavras de Zambrano na *Metáfora do Coração*: «a natureza, no que tem de irreduzível a fórmulas matemáticas, e a alma humana, no que tem de estranha às luzes da razão» (*ibid.*, p. 30). O conhecimento reduzido apenas à razão teria correspondido a uma redução do próprio homem, e nele, da sua humanidade, à condição de «um simples suporte do conhecimento racional», prefigurado desde o mecanicismo cartesiano, até às contemporâneas formas do positivismo e do materialismo histórico, *perdendo*, deste modo, *o homem moderno de vista a unidade última do universo* transformado, à luz ofuscante e brilhante de uma razão que tudo permeia, num conjunto de *coisas inanimadas e informes* que só graças à luz individualista da sua razão humana adquirem ordem e sentido³, ou sistema estruturante.

Assim como a revisitação das ruínas dos templos gregos de antanho e o adentar-se nelas desentranha da Terra a epifania da relação que ali houve - e porventura ainda há - com o «sagrado»; também na história da filosofia ocidental revivem ocultas as ideias, sobretudo gregas, que foram absorvidas, dissolvidas, integradas pela voragem conceptual, sistemática e totalitária de uma razão irradiante que, no seu desejo de hegemonia persecutória, pro-

² Cf., Maria Zambrano, *A Metáfora do Coração*, trad. de José Bento, Assírio & Alvim, 1993, pp. 24, 30, 107.

³ Cf., Maria Zambrano, *O Homem e o Divino*, ed. cit., pp. 167-174.

curou reduzir à sua «mesmidade» e semelhança tudo o que era Outro. Se o «sagrado» foi entrevisto pela vez primeira e dito pela voz dos poetas e dos filósofos, existe uma similitude entre os templos abandonados e esquecidos pelos cultos que o divinizavam e as vozes dos poetas e dos filósofos que com esse mistério estavam em relação, fosse esta de adoração, ou de crítica afirmação ou negação. Se as ruínas consagram, paradoxalmente, «a vitória do fracasso» de uma crença, a «ligação inexorável da vida com a morte», a derrocada do que se construiu, a frustração inerente ao que não se alcançou; as ruínas celebram, também, «a sobrevivência daquilo que não se conseguiu alcançar na edificação» do templo ou «esse algo que permanece do tudo que passa» (*ibid.*, pp. 219-220).

Do mesmo modo, também a história da filosofia e em particular a história da construção dos sistemas filosóficos obedece ao mesmo tipo de fluxo lógico dialógico. Se nos templos e nos seus restos, ruínas, cacos ou vestígios respira, expira e inspira, ainda, o «sagrado», a «realidade» ou o «arcano» que lhe deu origem; também nos grandes e monumentais sistemas filosóficos, por mais absolutos que sejam - por essa razão ou vontade mesma de razão absoluta -, revivem e sobrevivem ainda as filosofias esquecidas, as ideias, assim, aparentemente, vencidas por outras ideias, mais fortes ou mais pragmáticas... A perenidade do «sagrado», do «arcano» ou da «realidade» que outrora se presentificou por meio de uma aliança sacrificial dupla e dúplice, a saber, a ferida do templo no «seu» seio ou no centro da Terra ou da Natureza e a oferenda ou o sacrifício que nesse espaço ou lugar o humano «lhe» consagrou, realizam o acesso ao mistério supremo: a vivência do *instante*, a *unidade qualitativa do tempo*, onde o tempo linear e o espaço físico, mensuráveis em quantidades, são abolidos.

Será porventura esta a Terra ou a clareira onde as duas extremidades do Tempo se tocam, cruzam e unem, o lugar onde, de um lado, a reminiscência e a memória e, do outro, a profecia se encontram, numa espécie de vivência ou de existência de Paraíso, tal como nos são descritas por Dalila Pereira da Costa em *Os Sonhos, Porta do Conhecimento?* Experiência de «viver, não sozinho e separado»⁴, segundo a filósofa e mística portuguesa, mas num ser e estar em Relação.

Segundo Maria Zambrano, a descoberta da categoria de «relação» será, talvez a mais marcante do mundo antigo, ela revela a radical Alteridade, ou a constante transformação infinita em que consiste o fluxo da «realidade».

⁴ Dalila Pereira da Costa, *Os Sonhos, Porta do Conhecimento*, Lello & Irmão, 1991, p. 17.

A categoria de «relação» resulta do «logos do número» e deve-se a Pitágoras e aos pitagóricos. O universo não é constituído por «coisas», «objetos» ou «substâncias», mas por múltiplos seres que constantemente se referenciam uns aos outros por meio de referenciais dinâmicos ou arcanos que são assim de natureza, simultaneamente, limitada e ilimitada: os números. Entidades onde co-existem quantidade e qualidade, de forma paradoxal. Existe, pois, um «arcano» do vasto e infinitamente grande universo, que vive no diminuto e infinitamente pequeno ser humano, constituindo a existência que precede a sua essência: uma alma do mundo coincidente com a alma humana, mas que só se realiza e acontece no mistério da sua transcensão constante ou alteridade contínua de si mesma, e neste movimento incessante consiste a sua imanência.

A alma terá, assim, sido uma descoberta dos filósofos do número e constituirá uma semente órfica e pitagórica que reviverá em Aristóteles, terá desaparecido no cristianismo e reaparecido em filósofos como Espinosa e Leibniz, dado que, como afirma Zambrano, «Todos os vencidos são plagiados» e «O destino da razão do vencido é converter-se em semente que germina na terra do vencedor»⁵... Afirmção que a ciência moderna e contemporânea de Galileu a Einstein ou mesmo a física quântica parecem ironicamente confirmar... O triunfo actual da matemática e das suas fórmulas, percentagens, algoritmos e cálculos de probabilidade resulta de uma paradoxal dessacralização do número ou de uma cisão íntima entre o qualitativo e o quantitativo, em que a iniciação cede o lugar à aprendizagem, atitude escolar, também ela paradoxal, resultante, talvez, ainda, de um velho pragmatismo aristotélico que parece afetar outras formas de notação simbólica, como a própria linguagem, reduzida à sua dimensão argumentativa e retórica.

Para Zambrano, é em Platão que a Filosofia Pitagórica *como drama* atinge a sua máxima complexidade, sendo a Natureza ou o «real» a expressão da existência mistérica do «sagrado», o palco e o cenário na sua tripla acessão subterrânica ou ctónica e infernal, por um lado; ou como lugar ou superfície ou espaço da Polis, por outro; ou, finalmente, como mundo Inteligível ou noético: as dimensões onde e por onde transita e ocorre o trâmite, a Viagem iniciática e simbólica ou o drama da alma humana, como arcano menor de regresso à sua matriz ou origem ádita primeva. A filosofia platónica, permanecendo *utopia* ou *caminho para iniciados*, operaria, então, essa derradeira tentativa de *salvação da alma pelo conhecimento*, que a teoria da participa-

⁵ Maria Zambrano, *O Homem e o Divino*, ed. cit., p. 79.

ção e a anamnésis operariam sob a forma dessa *ingreme ladeira* ou desse Caminho difícil e estreito, tal como descrito na *Alegoria da Caverna*. Uma via com dois sentidos, um ascendente e um descendente, a que talvez pudessem corresponder dois movimentos da alma: *enthousiasmos* e *kathodos*, subida ou elevação e descida ou catábase. Processos difíceis a que não falta a dimensão sacrificial, ordálica, esquiliana: *aprender padecendo*, por mergulho absoluto nas trevas de si mesma, por empática simpatia com toda a sombra padecente, num contínuo processo de incessante transcensão de si.

Importa sublinhar isto: dado que o número não é uma substância, não tem nem espécie, nem género. Daqui a sua «real» natureza objetiva de «arcano» ou «divina» manifestação do «sagrado» na alma ou na consciência humana. Duplamente manifesta: sob a forma luminosa, apolínea prefigurada pelo delírio delfico hiperbóreo, como *paixão do saber, vislumbrada*, como uma *centelha*, num instante a que se chega «pelo delírio nascido do anseio, nos confins da esperança e da tensão do esforço, para além de todo o método» (*ibid.*, p. 300); mas, manifesta, também, sob a forma eleusina e misteriosa, uterinada pelas trevas da Terra, no coração amoroso e ctónico engendrador da Terra, como transfiguração do «aprender padecendo» num «mais além, [numa] plenitude de vida que se gera a si mesma, que «repousa transformando-se», revelando o ser humano, afinal, como um ser que não acabou ainda de nascer-se, «de se fazer ou de ser», numa «espécie de partenogénese» (*ibid.*, p. 317) que, segundo Zambrano, o *Banquete* e o *Fédon* traduziriam...

Vivência poética e ética do «sagrado» como instantes de verdade, à face da Terra e do mundo, formas de utopia teofânica do «sagrado» ou da sua epifânica e «divina» filosofia.

Se em Delphos brilha a *centelha* do *delírio*, em Elêusis «resplandece o arcano da germinação terrena» (*ibid.*, p. 311).